

5^o
PIRENÓPOLIS
DOC

Festival
de Cinema
Documentário



Pirenópolis Doc

Festival de Cinema Documentário

Sumário

APRESENTAÇÃO	— 6
SESSÃO DE ABERTURA	— 10
MOSTRA KATAHIRINE	— 16
CURADORIA	— 32
SESSÃO ACESSÍVEL	— 40
PRÊMIOS	— 44
MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL	— 48
CURTAS-METRAGENS	— 54
LONGAS-METRAGENS	— 80
CURADORIA	— 98
MOSTRA COMPETITIVA GOIANA	— 104
CURTAS-METRAGENS	— 108
LONGAS-METRAGENS	— 124
CURADORIA	— 132



JÚRI OFICIAL	— 134
JÚRI JOVEM	— 138
ATIVIDADES FORMATIVAS	— 142
PROGRAMA PRIMEIRO CORTE (PPC)	— 144
DESBRAVANDO TELAS	— 150
O CINEMA BRASILEIRO DE AMANHÃ	— 155
PROGRAMAÇÃO	— 158
ARTISTA HOMENAGEADO	— 168
ENTREVISTAS	— 172
AGRADECIMENTOS	— 182
EQUIPE	— 184
PARCEIROS	— 186

Apresentação

Recomeço

Era uma tarde de quinta-feira, 06 de setembro de 2018, quando, durante a realização do PiriDoc daquele ano, fomos surpreendidos por uma notícia que mudou os rumos da política brasileira. Uma facada daria ampla margem de liderança a um candidato à Presidência da República. Quando os primeiros vídeos deste acontecimento chegaram, não tínhamos a mínima ideia do que aconteceria com o país a partir daquele dia e seguimos no clima de celebração do festival até o domingo, sem imaginar as consequências que aquele dia fatídico traria às nossas vidas nos quatro anos seguintes.

Não foi coincidência que, a partir de 2018, o PiriDoc tenha entrado na suspensão de suas atividades, até agora, em 2024. É de conhecimento de todos os prejuízos causados pelo antigo governo ao setor cultural. Como se isso não bastasse, ainda houve a pandemia e todo mundo precisou lidar com dores e perdas da maneira que pôde.

A opção por esperar e não migrar para o online, no período pandêmico, foi proposital. Afinal, sempre vimos o encontro e o contato presencial como partes fundamentais da nossa história.



Agora que o tempo virou, somos conclamados à reconstrução - palavra muito ouvida no país ao longo de 2023. Assim, cá estamos reconstruindo e recomeçando o festival em sua quinta edição neste momento crítico que ainda atravessamos. Tudo ao mesmo tempo agora: vírus, guerras, crise climática, avanços de governos extremistas pelo mundo, fake news, ataques à democracia aqui e em outros países nos mostram que o século XXI segue nos chacoalhando e transformando o mundo e as estruturas a que estávamos habituados.

Assim, com tudo de uma vez e ao mesmo tempo, seguimos com o nosso propósito que originou este festival em 2015: refletir sobre o mundo e o espírito do tempo em que vivemos, por meio do cinema documentário.

O que o cinema documentário pode oferecer em prol da compreensão desse momento em que nossas certezas são postas em xeque? Em busca de sanar, ao menos um pouco essa questão, é que tentamos desenhar a programação desta edição do festival.

Neste retorno, escolhemos para a sessão de abertura um filme em homenagem a um grande brasileiro, como indica o título, "Othelo, o Grande", que celebra a vida e a obra dessa figura ímpar da cultura brasileira. No filme de Lucas H. Rossi, somos conduzidos, por intermédio de um árduo trabalho de montagem de arquivos, pela vida e o legado que nos deixou o Grande Othelo. O filme explicita a genialidade do artista como ator e, ao mesmo tempo, as lutas que travou contra o preconceito racial e por uma sociedade mais justa. O contexto de vida desse personagem é um retrato fiel do Brasil à época, um país extremamente racista, que nos leva a pensar no que de fato houve de progresso, nesse sentido, passados mais de mais de 30 anos da morte de Grande Othelo.

Na mostra especial que, em outras edições, procurou criar paralelos com nossos irmãos de língua de Portugal e países da África, e com nossos vizinhos da América do Sul, agora se volta às produções realizadas por mulheres indígenas brasileiras. A Mostra Katahirine foi elaborada em parceria com a Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas, numa reverência à cultura dos povos originários. Se quisermos discutir um amanhã possível, não há mais como ignorar os saberes tradicionais, pois, como nos lembra Aílton Krenak em seu mais recente livro, o futuro é ancestral ou não haverá futuro.

Há também a sessão especial acessível que conta com a exibição do filme "Filhas de Lavadeira", narrando histórias de mulheres negras que puderam traçar caminhos diferentes dos de suas antecessoras graças aos esforços de suas mães. Essa sessão é dedicada ao grupo de mulheres artesãs de Pirenópolis.

Um tanto fora da sua época usual, no chuvoso mês de janeiro do Cerrado e com o desafio do recomeço, o PiriDoc segue apresentando as suas duas mostras competitivas nacional e goiana. Neste ano com premiação em dinheiro para os vencedores.

O PPC - Programa Primeiro Corte, nosso laboratório de montagem de filmes, se reorganiza e se fortalece. Nesta edição, ofereceu um prêmio estímulo em dinheiro aos projetos selecionados.

Abrimos ainda uma importante frente de trabalho com a Secretaria Municipal de Educação de Pirenópolis, que visa atender a demanda local para a realização de uma atividade formativa sobre a inclusão digital por meio do audiovisual, direcionada aos professores da rede municipal do ensino fundamental.

Por fim, mas não menos importante, esta edição presta tributo a um cidadão pirenopolino: o artista Robertão. Com seu olhar, ele desconstrói e recria peças inspiradas nas máscaras da tradicional Festa das Cavalhadas. Transmuta e transforma. Ao perceber as relações que



isso tem com nossa retomada, toda nossa identidade visual foi desenvolvida com base em suas obras. Robertão é também o responsável pela criação dos troféus da 5ª edição do PirenópolisDoc.

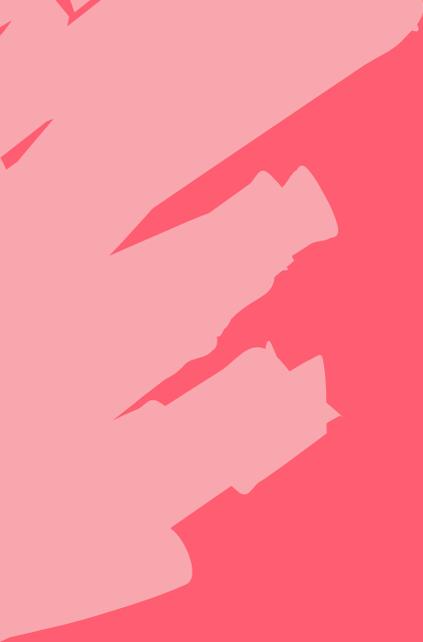
Sejam todas e todos muito bem-vindos ao nosso retorno.



Fabiana Assis

Diretora Artística do PirenópolisDoc





Sessão de Abertura



Othello, O Grande

RIO DE JANEIRO | 2023 | 83'

Direção:

Lucas H. Rossi dos Santos

Roteiro:

Lucas H. Rossi dos Santos

Produção:

Ailton Franco Jr.

Montagem:

Willem Dias - AMC,
Lucas H. Rossi dos Santos

Mixagem de Som:

Bernardo Adeodato,
Cristiano Scherer



“Othelo, O Grande” é um documentário sobre Sebastião Bernardes de Souza Prata, o Grande Othelo, um dos maiores atores e comediantes do Brasil. Negro, órfão e neto de escravos, Othelo escapou da pobreza para forjar uma carreira que rompeu todas as barreiras imagináveis para um ator negro na primeira metade do século XX, trabalhando com cineastas como Orson Welles, Joaquim Pedro de Andrade, Werner Herzog, Julio Bressane e Nelson Pereira dos Santos, entre tantos outros. Othelo usou esse espaço para moldar sua própria narrativa e discutir o racismo institucional que o assombrou por oito décadas, duas ditaduras e mais de uma centena de filmes.

"Fazer um filme sobre Grande Othelo é, para mim, um movimento ancestral, visto que todos nós negros que trabalhamos com arte no Brasil, seguimos seus rastros ao longo de nossos caminhos. Porém, seu nome anda esquecido no Século XXI é completamente desconhecido para as novas gerações.

Ele foi um dos maiores artistas do Brasil e o primeiro ator negro conhecido nacional e internacionalmente. Sua carreira acompanhou o desenvolvimento cultural do país, participando de todos os grandes momentos: desde os cassinos, passando pelo cinema - das Chanchadas ao Cinema Novo - e pegando todo o sucesso da televisão.

A linguagem do filme tem como foco a abordagem do sujeito Sebastião por ele mesmo, em primeira pessoa. Negro, ator, umbandista, pai de 5 filhos e um homem cheio de feridas expostas ao lutar contra o racismo em uma vida marcada por tragédias desde a infância até a sua morte. Esse filme tem o objetivo de humanizar, desconstruir e desmistificar sua história com o humor típico de Grande Othelo.

A escolha de fazer um filme todo de material de arquivo e de colocar Othelo para contar sua própria história foi como um gesto de deixá-lo conduzir sua própria narrativa e não deixar que ninguém interferisse nela. Foi difícil abrir mão de gerar mais signos e atmosferas de linguagem externas, mas isso fez com que o filme tivesse essencialmente a alma de seu personagem e não que fosse um apenas registro estético e exótico sobre ele.

E mais do que uma grande e necessária homenagem, este documentário é sim uma releitura política sobre Othelo e um resgate histórico da memória deste ícone da cultura brasileira que, como sempre, proporcionou ao público negro brasileiro excelentes oportunidades para se reconhecer nas telas." (Lucas H. Rossi dos Santos)



A large, light pink brushstroke graphic on a red background. The brushstroke is composed of several overlapping, horizontal strokes that create a textured, painterly effect. It starts from the left edge and extends towards the right, with some strokes being longer than others, giving it a sense of movement and depth. The color is a soft, pastel pink, contrasting with the vibrant red background.

Mostra Katahirine

A rede Katahirine

A Katahirine – Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas surge com o objetivo de criar um espaço coletivo para fortalecer e tornar visível a produção audiovisual das mulheres indígenas do Brasil e América Latina. Como primeira iniciativa de mapeamento do cinema indígena feminino no Brasil, propomos que esta seja uma importante ferramenta de conhecimento e divulgação sobre o cinema realizado por nós, mulheres indígenas, além de uma fonte de dados para pesquisas e acessos públicos. Um espaço com foco no protagonismo das mulheres indígenas, na agência e no papel político em nossos contextos, dentro e fora das aldeias: agimos nas tomadas de decisões e gestão de recursos de realizações audiovisuais e criamos de acordo com nossas concepções de mundo e de vida.

Katahirine é uma palavra da etnia Manchineri que significa constelação. Assim como o próprio nome sugere, Katahirine é a pluralidade, conexão e a união de mulheres diversas que se apoiam e promovem mulheres indígenas no audiovisual brasileiro. Trata-se de uma articulação coletiva, onde podemos discutir e construir um espaço seguro de narrativas, levando em conta não só o corpo coletivo da rede, mas a subjetividade de cada participante, como uma pessoa pensante e atuante em todos os espaços.

A criação da Katahirine – Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas vem afirmar a importância de construir uma rede política de encontros, diálogos, pesquisa e reflete a urgência de repensarmos a maneira como reproduzimos nossa educação colonial como sociedade. O racismo e o machismo estruturais no Brasil afetam nossas vidas e,



apesar de sermos muitas mulheres originárias que representam suas cosmovisões por meio da linguagem audiovisual, é pouco o reconhecimento que temos e, portanto, ínfima a valorização dos nossos trabalhos. Ainda hoje, precisamos enfrentar muitos desafios, também nessa área. Pensando nisso, corpos femininos indígenas e não indígenas se somam a esta iniciativa, em uma ação de luta comum. (<https://katahirine.org.br/>)

REFERÊNCIAS:

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

IRACEMA, uma transa amazônica. Direção: Jorge Bodanszky e Orlando Senna. Elenco: Paulo César Perêio, Edna de Cássia.

Documentário ficcional. Duração: 91 min. Brasil. 1974.

METZ, Christian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1977.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papyrus, 2005

Sementes de Curadoria para a Mostra Katahirine

com Bárbara Matias e Sophia Pinheiro

Fincados os pés na terra vermelha de Pindorama (Brasil), do terreiro de casa, das palhoças, pelo caminho das águas, dos ensinamentos das mais velhas e do meio da mata, olhamos para a demarcação das imagens produzidas por mulheres indígenas e juntas, partilhamos nesta edição do Pirenópolis Doc a Mostra Katahirine.

A escolha das obras passa por três dimensões: as estéticas com seus temas afins, as políticas das imagens que compõe o trabalho de mulheres indígenas cineastas participantes da Rede Katahirine, a qual fazemos parte, e das práticas comunitárias como forças criadoras do cotidiano ritual, as criações de pessoas, animais, roças e mundos – uma conversa entre seres humanos e não humanos.

Buscamos expressar a diversidade de povos e a maneira diferente que essa diversidade exprime ao tratar dos mesmos assuntos, com filmes de seis etnias: Guarani Mbyá, Huni Kuin, Kaiabi, Pataxó, Tupinambá e Kariri, todos os filmes pensados, sentidos e realizados por mulheres indígenas. Constelamos os filmes em duas sessões: a primeira sessão, pensando os aspectos rituais que alimentam corpo e espírito, abrindo caminho para a segunda sessão (onde os filmes se contaminam com os da primeira sessão), e reafirmam os processos das subjetividades coletivas que continuam a cosmovisão de cada povo e sustentam seus mundos.

As realizadoras são artistas mulheres criadoras do chão da aldeia, então, essas narrativas não são novidade no cotidiano delas e de



suas comunidades, elas fazem parte de suas experiências visuais e vemos o festival como um lugar de replantar com outras pessoas essas criações.

O cinema brasileiro vem passando por uma longa transformação, nessa esteira, os cinemas indígenas perturbam e reencantam o próprio cinema, com a maneira encantada de ver o mundo, as imagens-espíritos, e as diferentes maneiras de vê-las – para cada etnia. Uma cena não é apenas uma cena, mas impregna cosmovisões. O ponto crucial é a forma de pensar, de criar e fazer, e como essas formas perturbam as estruturas, os modos de produção.

Os cinemas indígenas perturbam os modos de produção pois fazem comunidade – se reconhecem através das imagens de como cada aldeia está indo, aproximando e afastando os povos diante de práticas comuns ou diferentes às comunidades, elabora e conduz as narrativas coletivamente. Ou seja, move-se criando pontos comuns entre as diferenças. Está em constante transformação, cria e age em redes de proximidade, alianças afetivas e uma possibilidade de subjetividade coletiva (em relação a si mesmos enquanto povo e ao mundo exterior). Práticas que não são “una”, plasmadas na homogeneidade.

É através da linguagem do audiovisual que os povos denunciam a crise climática, o desterro, o garimpo, especulação imobiliária, feminicídio, roubo acervos materiais e imateriais, epistemicídios e tantas outras violências contra pessoas indígenas e aldeias. Então, o au

audiovisual chega como uma cesta que deseja guardar e compartilhar a vida, as dificuldades, alegrias, dores, e a sabedoria em comum à natureza, a maior herança ancestral.

Curar é um ato de cuidado, assim, nossa curadoria tem a função de propor escolhas e cura de imaginários. A criação da Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas vem afirmar a importância de construir uma rede política de encontros, diálogos e reflexões urgentes para repensarmos a maneira como reproduzimos nossa educação colonial como sociedade. O racismo e o machismo estruturais no Brasil afetam nossas vidas e, apesar de serem muitas mulheres originárias que representam suas cosmovisões por meio da linguagem audiovisual, é pouco o reconhecimento que elas têm e, portanto, infirma a valorização do seus trabalhos. Ainda hoje, precisam enfrentar muitos desafios, também nessa área.

Pensando nisso, corpos femininos indígenas e não indígenas se somam a esta iniciativa, em uma ação de luta comum. Na Rede Katahirine, temos exercido o olhar sobre as obras, somos expectadoras e entusiastas umas das outras. Estamos produzindo audiovisual em todos os biomas do país e constantemente novas cineastas fazem parte da Katahirine. Katahirine é uma palavra da etnia Manchineri que significa constelação. Assim como o próprio nome sugere, Katahirine é a pluralidade, conexão e a união de mulheres diversas que se apoiam e promovem mulheres indígenas no audiovisual brasileiro. Trata-se de



uma articulação coletiva, onde podemos discutir e construir um espaço seguro de narrativas, levando em conta não só o corpo coletivo da rede, mas a subjetividade de cada participante, como uma pessoa pensante e atuante em todos os espaços.

Cada dia mais seguras de si e do seu poder para construir novas narrativas, continuando as narrativas originárias, as mulheres indígenas utilizam as câmeras também como ferramenta e como aliada para ajudar na elaboração de práticas anticoloniais e antirracistas. Desejando superar a classificação, as categorias e sair das cercas criadas pela colonização, onde o próprio sistema define “quem a gente é, quem é gente e quem não é” os filmes realizados por mulheres indígenas “se alinham a questões relacionadas à condição feminina e ao que se chama de contracinema” (Holanda, 2017, p. 49), que seria uma resposta cosmopolítica e feminista ao cinema tradicional.

Mudar e transformar pela via da percepção – por meio das cosmovi-sões que estão antes dos filmes, em filmes que acontecem junto com a vida.

São as mãos de mulheres que plantam o alimento e que também replantam as imagens.

CURADORIA





BÁRBARA MATIAS

Nasci em 1993, na comunidade do Mareco (Aldeia Marrecas) em Lavras da Mangabeira, CE. Sou indígena do Povo Kariri, do cariri cearense. Trânsito entre as artes da cena, o audiovisual e a escrita. Sou doutoranda na linha de Artes da Cena pela UFMG e participo como artista na Coletiva Flecha Lançada Arte. Também sou roteirista e atriz na Anauá Filmes e escrevi o livro Pensando a pedagogia do teatro da sala de ensaio para a escola pública (Appris, 2020). Em 2022, me formei em Roteiro pelo Laboratório Cena 15 da escola Porto Iracema das Artes, em Fortaleza, onde escrevi o longa-metragem de ficção de animação indígena “Dentro do Rio”. Nesse mesmo ano, participei do Laboratório de Narrativas Negras e Indígenas para Audiovisual VI edição do LANANI que tem parceria da Globo com a Flup. Sou Tutora na Escola livre de Cinema e Audiovisual

Brotar Cinema com o Povo Anacé, SECULT-CE. Fiz a formação “Roteiro: do começo ao fim, passando pelo meio”, com o diretor e roteirista Jorge Furtado e fiz a “mentoria de assistência de roteiro da Netflix conduzido por Andrea Yagui”, 2023. Roteirizei e dirigi os documentários “Aceso fogo” (2021), “Cardinal Ave e Maria” (2020/21) e as ficções “Mãe Cajarana” (2018), “Uru’cu” (2017) e “Corpo Memória Submersa” (2020), “o que me leva não é moeda de bolso (2022), “Desterro (2023). A obra “Mãe Cajara” foi apresentada na Mostra Amotara – Olhares das Mulheres Indígenas no Cinema (2020). O roteiro de “Aceso Fogo” foi desenvolvido para o Projeto Arribaçã (Lei Aldir Blanc, 2020). Em 2021, concorri com “Santa Pedra” e “Uru’cu” na Mostra [Em] Curtas. “O que me leva não é mercadoria de bolso” e “Mãe Cajarana” apresentou-se na ECHOES Indigenous Film Festival, 2023.





SOPHIA PINHEIRO

Pensadora visual: artista visual, cineasta e educadora popular. Interessada nas políticas e poéticas das artes visuais, do audiovisual, educação, processos de criação, gênero, sexualidade e epistemologias ameríndias. Doutora em Cinema e Audiovisual (PPGCine-UFF), mestre em Antropologia Social (PPGAS-UFG) e Licenciada e Bacharel em Artes Visuais (FAV-UFG). É realizadora dos filmes “TEKO HAXY - ser imperfeita” (2018, 39 min) codirigido com a cineasta Mbyá-Guarani Patrícia Ferreira Pará Yxapy e “Nhemongueta Kunhã Mbaraete” (Programa IMS Convida, 2020, 200 min), em codirigido com as cineastas indígenas Graciela Guarani, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Michele Kaiowá, uma obra-processo de 16 videocartas. Lançou a websérie “sentir, pensar em agir”, três episódios com as cineastas Graciela Guarani, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Flor Alvarez Medrano. É uma das coordenadoras da “Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas”, articulação pioneira em mapeamento e organização de mulheres indígenas cineastas no Brasil. Colaboradora em diversas instituições na formação audiovisual para povos indígenas, sobretudo com mulheres indígenas.



AGUYJEVETE AVAXI'I

BRASIL | 21' | 2023

Etnia:
Guarani Mbya

Direção:
Kerexu Martim

Montagem:
Kerexu Martim
e Mari Corrêa

Produção:
Instituto Catitu

Idioma:
Guarani Mbya

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

O documentário celebra a retomada do plantio das variedades do milho tradicional do povo Guarani M'bya na aldeia Kalipety, onde antes havia uma área seca e degradada, consequência de décadas de monocultura de eucalipto. Considerado como um dos verdadeiros alimentos que os seres divinos possuem em suas moradas celestes, o milho passa por rituais e bênçãos desde o plantio até a colheita, quando a aldeia se junta para festejar. Comê-lo mantém a vitalidade dos seres humanos em equilíbrio, à semelhança das divindades.



RAMI RAMI KIRANI

BRASIL | 30' | 2024

Etnia:
Huni Kuin

Direção:
ira Mawapai HuniKui
e Luciana Tira HuniKui

Realização:
Instituto Catitu

Edição:
Fábio Costa Menezes

Produção:
Gal Costa e Maria
Adeilma Barros

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Até pouco tempo, as mulheres Huni Kuin não podiam consagrar e preparar o Nixi Pae (ayahuasca), apenas os homens conheciam o poder dessa medicina. Um filme sobre os aprendizados, as transformações e a força da ayahuasca através das mulheres Huni Kuin. Realizado durante a oficina de formação audiovisual e direitos das mulheres indígenas na Aldeia Mibãya, na Terra Indígena Praia do Carapanã, Acre. Filme realizado durante a oficina de formação audiovisual e política ministrada por Mari Corrêa, Sophia Pinheiro e Viviane Hermida.



SIGYJAT – Pescaria no Timbó

BRASIL | 152MIN | 2023

Etnia:

Kaiabi,

Direção:

Aruti Kaiabi, Ewa Kaiabi, Juirua Kaiabi, Mairiwata Kaiabi, Reai'i Kaiabi, Reiria Kaiabi, Rywa Kaiabi, Ukaraiup Kaiabi, Urukari Kaiabi, Wiry Kaiabi

Produção:

Kujãesage Kaiabi

Fotografia:

Aruti Kaiabi, Ewa Kaiabi, Juirua Kaiabi, Mairiwata Kaiabi, Reai'i Kaiabi, Reiria Kaiabi, Rywa Kaiabi, Ukaraiup Kaiabi, Urukari Kaiabi, Wiry Kaiabi, Kujãesage Kaiabi, Tiago Carvalho, Julia Bernstein

Edição:

Julia Bernstein

Livre



Na época da seca, nós, os Kaiabi da aldeia Guarujá, nos reunimos para fazer a pescaria do timbó. É uma pescaria coletiva que tem regras e cuidados, mas é muito alegre e divertida e garante muito peixe para as famílias. Filme realizado durante oficina ministrada por Kujãesage Kaiabi, Tiago Carvalho e Julia Bernstein.



Fala Sincera

BRASIL | 10MIN | 2023

Etnia:
Pataxó

Direção:
Yacewara Pataxó

Montagem:
Yacewara Pataxó
e Mari Corrêa

Produção:
Instituto Catitu

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

É a primeira vez que Yacewara viaja sozinha. No meio da aventura, ela envia uma videocarta para sua mãe, Sirleide. Um filme afetivo e íntimo sobre descobertas, pertencimentos e medos do início da vida adulta e de uma relação que se inicia com o audiovisual, realizado durante a oficina de formação audiovisual e política ministrada por Mari Corrêa, Sophia Pinheiro e Mara Vanessa Duarte.



Ciência de Cabocla

BRASIL | 32MIN | 2024

Etnia:

Kariri

Produção:

Adeciany Castro, Pedro Lessa

Direção:

Adeciany Castro, Pedro Lessa

Edição:

Adeciany Castro, Pedro Lessa

Fotografia:

Pedro Lessa

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Na Vila Mororó, em Santana do Cariri, lugar que abriga os herdeiros e herdeiras da sabedoria ancestral do povo Kariri, três senhoras narram histórias que perpassam o universo da encantaria, identidade e das práticas indígenas do Cariri Cearense.



Quando o manto fala e o que o manto diz

BRASIL | 62' | 2023

Etnia:
Tupinambá

Direção:
Glicéria tupinambá e
Alexandre Mortagua

Edição:
Julia Regine

Direção de fotografia:
Fernanda Liberti

Produção:
O Baile

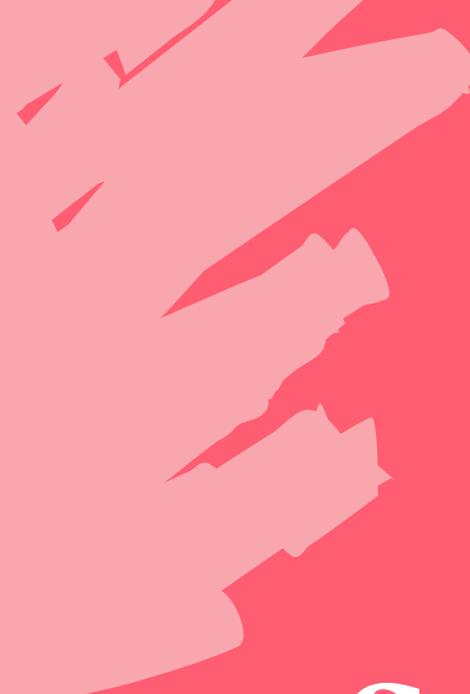
Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

O filme narra a trajetória da artista, professora e ativista Glicéria Tupinambá no processo de confecção do Manto Tupinambá, artefato histórico roubado durante a colonização, e como o poder do manto repercutiu em sua comunidade. O Manto Tupinambá é, em suas palavras, “um presente dos céus para a terra”. Com o retorno dos tupinambá às suas terras, a comunidade demanda o acesso à cultura de seu povo e a demarcação de seu território.





Sessão Acessível



Filhas de Lavadeira

BRASIL | 22' | 2019

Direção:

Edileuza Penha

Produção:

Marcus Azevedo
& Ruth Maranhão

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

“Filhas de Lavadeiras” apresenta histórias de Mulheres Negras que graças ao trabalho árduo de suas mães puderam ir para escola e refazer os caminhos trilhados pelas suas antecessoras. Suas memórias, alegrias e tristezas, dores e poesias se fazem presente como possibilidades de um novo destino. Transformando o duro trabalho das lavadeiras em um espetáculo de vida e plenitude.





Prêmios

PRÊMIOS

Como forma de incentivar e contribuir com a produção nacional e local, o 5º PirenópolisDoc, concede os seguintes prêmios em dinheiro aos filmes que participam da Mostra Competitiva Nacional e Goiana:



MELHOR FILME DE LONGA - METRAGEM:

R\$8.000,00

MELHOR FILME DE CURTA - METRAGEM:

R\$5.000,00

MELHOR FILME GOIANO:

R\$8.000,00

MELHOR FILME ESCOLHIDO PELO JÚRI JOVEM:

R\$5.000,00

MELHOR FILME ESCOLHIDO PELO JÚRI POPULAR:

R\$5.000,00





Mostra Competitiva

NACIONAL

O tempo diante de nós

BENEDITO FERREIRA, RAFAEL DE ALMEIDA E ULIANA DUARTE

Desde a sua fundação, o PirenópolisDoc – Festival de Cinema Documentário se propõe a exibir um panorama do documentário brasileiro recente, responsável por consolidar as bases e expandir as fronteiras da realização documental, conectadas aos desafios de pensar e fazer documentário em nosso país. Nesse sentido, ao longo do tempo, a curadoria tem privilegiado obras em que a experimentação formal e de linguagem estejam profundamente associadas aos desafios instaurados pela constituição da relação com os sujeitos filmados e as coisas do mundo – esses “outros” que compõem a natureza da tradição documental.

Para a quinta edição do festival, colocamos em diálogo filmes que nos possibilitem reconhecer em sua escritura a junção das imagens e sons como forma de testemunhar as múltiplas passagens do tempo vivido e sonhado. Esse recorte identifica o documentário como escritura do presente e se propõe a refletir tanto sobre o passado que construímos quanto sobre o futuro que desejamos para um Brasil em permanente transformação.



Nos filmes que integram o Programa 1 – “Deslocamentos nos espaços do real” – nota-se a aparição de uma espacialidade singular irrigada por seus aspectos temporais. Essas produções enfatizam as peculiaridades intrínsecas dos lugares, dando destaque aos elementos que os definem e os distanciam. O deslocamento, por sua vez, desempenha um papel crucial ao configurar os sentidos entre os espaços internos e externos, estimulando as vicissitudes inerentes ao cotidiano que aproximam as pessoas filmadas de um ensejo performático e confessional. As duas sessões contam com as produções “Morro do cemitério” (Rodrigo R. Meireles), “Rua Aurora – Refúgio de todos os mundos” (Camilo Cavalcante), “Olho da rua” (Jonathas de Andrade) e “Peixe abissal” (Rafael Saar).

A retomada do festival após um intervalo de cinco anos, marcado pela pandemia e por um retrocesso na configuração da democracia brasileira, que impôs incontáveis obstáculos à produção artística em geral, desencadeia reflexões fundamentais incorporadas no Programa 2 – “A memória como luta”. Sua composição reflete as experiências diárias vivenciadas por corpos dissidentes e afrodiaspóricas, além daquela manifesta no trabalho e na luta. Participam os curtas-metragens “Travessias” (Ana Graziela Aguiar), “Ferro’s Bar” (Coletivo Cine Sapatão) e “A alma das coisas” (Douglas Soares e Felipe Herzog) e os longas “A portas fechadas” (João Pedro Bim) e “Black Rio! Black Power!” (Emílio Domingos).

A maneira como as formas de vida se relacionam com o tempo e são atravessadas por ele tematiza o Programa 3 – “Atravessamentos do tempo”. Com isso, por um lado, o conjunto de filmes revela interesse por explorar formalmente a dilatação do tempo na tessitura de sua matéria, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos tanto pela observação quanto pelo acolhimento do tempo e da mise-en-scène do outro. Na primeira sessão, acompanhamos “Cinema para os mortos” (Bruno Moreno e Renato Sircilli) e “Amanhã” (Marcos Pimentel). Na segunda, “Urubá” (Rodrigo Sena), “Fala da Terra” (Bárbara Wagner e Benjamin de Burca) e “A Câmara” (Cristiane Bernardes e Tiago Aragão).

Por fim, o Programa 4 – “Testemunhas e transformações” – apresenta uma seleção que elege protagonistas capazes de moldar o ritmo e a atmosfera das narrativas em curso. Os filmes engendram um gesto cinematográfico impregnado do compromisso em revelar suas diretrizes de atuação. Para tanto, seus protagonistas – em cena ou mesmo apartados do enquadramento – operam como testemunhas das transformações que as narrativas experimentarão, algumas vezes renunciando a elementos originalmente planejados, em outros casos, de maneira mais sutil, motivados por uma inquietação, especialmente em relação ao avanço vertiginoso do tempo e a impetuosidade da morte. Na primeira sessão, temos “Onde a floresta acaba” (Otavio Cury), “Aqui onde tudo acaba” (Cláudia Cárdenas e Juce Filho) e “Neirud” (Fernanda Faya). Já na segunda, acompanhamos “Eu fui assistente do Eduardo Coutinho” (Allan Ribeiro), “Cama vazia” (Fábio Rogério e Jean-Claude Bernardet) e “Nada sobre meu pai” (Susanna Lira).

Partindo da compreensão de que a curadoria é também um exercício de montagem, nos permitimos lidar com cada obra como um singelo ladrilho que, ao se amalgamar a outros, forma um mosaico capaz de revelar outras figurações do tempo. A partir dos diálogos estabelecidos entre os filmes, fica evidente que o mosaico que se forma pela aglutinação dessas obras ensaia nos dizer que, diante da impossibilidade de congelar o tempo para lidar com as questões do passado, é necessário enfrentar os desafios do presente para acolher um outro mundo possível no futuro.



CURADORIA





BENEDITO FERREIRA

Benedito Ferreira é artista visual, realizador audiovisual e pesquisador. Suas investigações artísticas estão centradas na imagem como escrita, na poética dos arquivos, suas montagens e apagamentos dos limites entre “documento” e “ficção”. Trabalha com audiovisual, objetos, instalação e fotografia, sem estabelecer hierarquias entre os meios. Desenvolve pesquisa com foco na história da direção de arte no cinema brasileiro. Nos últimos anos, mostrou trabalhos e colaborou com instituições como Museu de Arte Contemporânea de Goiás, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (Portugal), The Room Projects (França), Art Space BLECH for Contemporary Art (Alemanha), Center for Contemporary Art Tbilisi (Geórgia) e Czong Institute for Contemporary Art (Coreia do Sul). Doutorando em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



RAFAEL DE ALMEIDA

Rafael de Almeida é realizador e pesquisador de cinema e audiovisual. Professor do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás - UEG. Doutor em Múltiplos Meios pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com estágio de doutorado pela Universidad Complutense de Madrid e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás - UFG.

Dirigiu alguns filmes de curta-metragem, entre os quais: "Tupananchiskama", "Retrato das estrelas quando sonham", "Arrorró", "Ainda ontem", "Wide awake", "Para não esquecer", "Carrossel", "A saudade é um filme sem fim" e "Impej". Foi tutor de laboratório de roteiro para projetos documentais no FAVERA - Festival Audiovisual Vera Cruz e no FICA - Festival Internacional de Cinema Ambiental. Atua como curador no Goiânia Mostra Curtas e no Pirenópolis Doc - Festival de Documentário Brasileiro. É

membro da Comissão de Seleção do Icumam Lab. Tem experiência como diretor, montador, consultor criativo e curador.

Suas obras foram apresentadas em festivais de cinema e salões de arte no Brasil e no exterior, tendo participado recentemente do Salão de Arte Contemporânea de Jataí (2023), onde recebeu o prêmio aquisição. Seu trabalho integra o acervo do Museu de Arte de Britânia (GO), do Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS – GO), do Museu de Arte de Santa Maria (RS) e do Museu de Arte Contemporânea de Jataí (GO).



ULIANA DUARTE

Uliana Duarte é doutora em arte e cultura visual, produtora e realizadora cinematográfica goiana. Desde 2005 participa de cursos, mostras e workshops no Brasil, Argentina, Cuba, Espanha e EUA. Fundou a produtora audiovisual nonanuvem filmes em 2008. Graduada em Direito (UFG), cursou mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural com concentração em Antropologia (PUC GO) e doutorado com concentração em Cinema (FAV UFG). Desde 2018 coordena a REAU (Rodada de Estudos Audiovisuais) – ciclo de estudos e mostra de filmes. Integrou o júri de premiação do FICA (Festival Internacional de Cinema Ambiental) em 2021 e em 2023 o júri de premiação da mostra nacional da 23ª edição da Goiânia Mostra Curtas. Seu último filme, ‘goyania – outubro ou nada’, recebeu o prêmio de melhor curta no 5º Festival de Cine Hecho por Mujeres (Peru, 2023) e de melhor filme e melhor direção na IV Mostra Clandestina (Brasil, 2022). Seus trabalhos acadêmicos e artísticos mais recentes estão direcionados aos cinemas de arquivos, montagem e filme-ensaio.

A stylized, dark grey silhouette of a mountain range with jagged peaks, set against a light orange background. The mountains are positioned in the upper half of the frame, with the peaks reaching towards the top edge. The overall aesthetic is minimalist and graphic.

Curtas- metragens



A Alma das Coisas

BRASIL | 20' | 2023

Direção:

Douglas Soares e
Felipe Herzog

Fotografia:

Guilherme Tostes

Edição:

Allan Ribeiro e Douglas
Soares

Som:

Marina D'Ávila

Produção:

Violeta Rodrigues

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Nascimento, vida e morte de uma escultura carnavalesca. Atrrelada à mitologia dos Orixás, uma metáfora da criação a partir do boneco Babalotim, um ídolo menino que já viveu muitos carnavais.



Aqui onde tudo acaba

BRASIL | 19' | SC | 2023

Direção:

Cláudia Cárdenas
e Juce Filho

Fotografia:

Rafael Schlichting
e Ricardo Leite

Edição:

Rafael Schlichting

Som:

Rodrigo Ramos

Produção:

Andrea Rosas

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Aqui onde tudo acaba é um curta-metragem experimental, poético que transita entre o documentário e a ficção para abordar uma cultura em extinção, a dos indígenas no Brasil. Trata-se, de modo particular, de uma partilha de saberes realizada na Aldeia Bugio, em todos os estágios de filmagens em 16mm, revelação botânica e captação sonora de modo coletivo. Busca reativar a memória das origens do povo Laklãnõ/Xokleng observando o que se perde com a alienação dos saberes e aculturação praticadas pelo colonialismo.



Cama Vazia

BRASIL | 6' | SP | 2023

Direção:

Fábio Rogério e
Jean-Claude Bernardet

Fotografia:

Fábio Rogério e
Jean-Claude Bernardet

Montagem:

Fábio Rogério e
Jean-Claude Bernardet

Som:

Fábio Rogério e Jean-Claude Bernardet

Produção:

Fábio Rogério e Jean-Claude Bernardet

14 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

A máquina de morte precisa manter sua longevidade para expandir e lucrar.



Cinema Para os Mortos

BRASIL | 14' | PI | 2023

Direção:

Bruno Moreno, Renato Sircilli

Fotografia:

Maurício Pokemon

Som:

Amanda Carvalho

Produção:

Bibi Dória, Bruno Moreno,
Renato Sircilli

Livre



No vilarejo de Barra Grande, entre aparições e desaparecimentos, os animais fazem companhia aos mortos.



Eu fui assistente do Eduardo Coutinho

BRASIL | 17' | RJ | 2023

Direção:
Allan Ribeiro

Produção:
Cavi Borges

Fotografia:
Pedro Faerstein

Livre

Edição:
Karen Akerman, João Pedro Diaz
e Allan Ribeiro



5º PIRENÓPOLIS DOC

No dia 28 de janeiro de 2008, uma equipe de filmagem entrou em um prédio para rodar um documentário. Neste dia, eu fui assistente do Eduardo Coutinho.



Fala da Terra

BRASIL | 19' | PA | 2022

Direção:

Bárbara Wagner &
Benjamin De Burca

Fotografia:

Pedro Sotero

Edição:

Daniela De Lamare

Produção:

Henrique Lapa

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Fala da Terra [Voice of the Land] (2022) se desenvolve em torno do Coletivo Banzeiros, grupo teatral do Pará formado por membros do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] ativos na área da educação e da militância política. Debruçando-se sobre as técnicas de democratização dos meios de produção cênicos do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, a obra ocupa um território entre o documentário e a ficção — e busca entender os processos de construção da cultura e da identidade coletiva 'Sem Terra' através de suas expressões artísticas.



Ferro's Bar

BRASIL | 24' | SP | 2023

Direção:

Coletivo Cine Sapatão
(Aline A. Assis, Fernanda Elias,
Nayla Guerra e Rita Quadros)

Fotografia:

Wilssa Esser

Edição:

Fer Krajuska

Som:

Gabriela Cunha

Produção:

Alessandra Haro

16 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

Com base em documentos históricos e entrevistas com lésbicas que viveram e lutaram nas décadas de 1970 e 1980, durante a ditadura militar, somos conduzidas para um episódio central para a formação do movimento lésbico brasileiro: o “Levante do Ferro’s Bar”, conhecido também como o “Stonewall brasileiro”. O filme mostra como as lésbicas se tornaram um sujeito político a partir da luta contra a censura, a repressão e a violência.



Morro do Cemitério

BRASIL | 19' | MG | 2023

Direção:

Rodrigo R. Meireles

Fotografia:

Rodrigo R. Meireles

Edição:

Rodrigo R. Meireles

Som:

Márcio Zaum, Estúdio Taidai

Produção:

Abdução Filmes (Marco Antonio Pereira, Marcelo Lin, Rodrigo R. Meireles)

10 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

Um aspirante a rapper de uma pequena cidade do Brasil tenta sobreviver e ainda produzir sua arte. Um filme sobre a catarse proporcionada pelo desabafo.



Olho da Rua

BRASIL | 25' | PE | 2023

Direção:

Jonathas de Andrade

Fotografia:

Gustavo "Tijolino" Pessoa

Edição:

Fábio da Costa

Som:

Gustavo Campos

Produção:

Amanda Guimarães
e Gabriela Alcântara

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Protagonizado por um elenco de 100 pessoas, Olho da rua é dividido em oito atos e apresenta proposições performáticas diante da câmera como exercícios do olhar. Apresentam-se ações simples, tais como olhar e admirar-se a si próprio diante de um espelho, improvisar uma assembleia e lançar mensagens para a câmera, representar uma festa coletiva fazendo da praça pública um grande palco, ou encarar a lente da câmera que é o olho de quem vê, seja nas ruas ou na tela do filme quando pronto. Realizado em dois dias na praça do Hipódromo, em Recife, o filme é formado por um elenco de pessoas em situação de rua, ligados a abrigos públicos e iniciativas não governamentais de suporte à população em situação de vulnerabilidade.



Onde a Floresta Acaba

BRASIL | 15' | SP | 2023

Direção:

Otávio Cury

Fotografia:

Pedro Santiago

Edição:

Hassan Taha

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Após a morte brutal do jornalista britânico Dom Phillips no Vale do Javari, em 2022, o cineasta Otávio Cury reflete sobre a perda do amigo, revisitando a primeira viagem de ambos à Amazônia e os filmes que fizeram juntos.



Travessias

BRASIL | 22' | DF | 2023

Direção:

Ana Graziela Aguiar

Produção:

Katia Ricardo Oliva

Fotografia:

Magdalena Ramírez Cerda

Livre

Edição e Som:

Maruxa Ruiz del Árbol



5º PIRENÓPOLIS DOC

Uma carta de amor que une Brasil e Cuba. No filme Travessias, a diretora parte em uma longa viagem em busca de entender os sentimentos e transformações passadas por uma pessoa próxima. Neste caminho de dúvidas e inquietações, encontra Justin, um homem trans que vai auxiliá-la nesta travessia. Com um olhar poético e autorreferencial, a diretora nos convida a repensar nossos próprios preconceitos e limites em relação ao outro.



Urubá

BRASIL | 15' | RN | 2022

Direção e fotografia:

Rodrigo Sena

Produção:

Arlindo Bezerra

Edição:

Carlos Segundo

10 anos

Som:

Herisom Pedro



5º PIRENÓPOLIS DOC

O mundo espiritual ao seu redor ocorre muito mais através do terceiro olho do que através dos físicos.



Longas– Metragens



A Câmara

BRASIL | 88' | DF | 2023

Direção:

Cristiane Bernardes
e Tiago de Aragão

Fotografia:

Carol Matias

Edição:

Marisa Mendonça

Som:

Olívia Hernández Fernández

Produção:

Ana Rabêlo Rodrigues, Camilla
Shinoda, Cristiane Bernardes,
Emma Crewe e Tiago de Aragão

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Das entranhas do Congresso Nacional, o filme apresenta caminhos e performances de mulheres fazendo política. Temas como direitos reprodutivos, Estado laico, educação, racismo e polarização política vem à tona, enquanto acompanhamos de perto diferentes deputadas em seus embates e performances políticas.



A Portas Fechadas

BRASIL | 66' | SP | 2023

Direção:

João Pedro Bim

Produção:

Matheus Rufino

Edição:

Bruna Carvalho Almeida

14 anos

Edição de Som e Mixagem:

Henrique Chiurciu
(Confraria de Sons & Charutos)



5º PIRENÓPOLIS DOC

13 de dezembro de 1968. O Conselho de Segurança Nacional se reúne para promulgar o Ato Institucional Nº 5. A reunião foi gravada, mas ficou secreta por décadas. Do lado de fora das portas do palácio, a ditadura elabora sobre si mesma imagens de redenção nacional.



Amanhã

BRASIL | 106' | MG | 2023

Direção:
Marcos Pimentel

Fotografia:
Gabriela Matos

Edição:
Ivan Morales Jr.

Som:
Pris Campelo

Produção:
Vinícius Rezende Morais

12 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

Crianças de universos sociais completamente diferentes se cruzaram em 2002 em Belo Horizonte, na Barragem Santa Lúcia, que separa um conjunto de favelas de um bairro de classe média alta. Mesmo morando tão perto, sempre foram tão distantes. Vinte anos depois, o que aconteceu com cada uma delas? Entre 2002 e 2022, o Brasil foi virado pelo avesso. E suas vidas também. Um filme sobre os encontros e desencontros da sociedade brasileira contemporânea.



Black Rio! Black Power!

BRASIL | 75' | RJ | 2023

Direção:

Emílio Domingos

Fotografia:

Leo Bittencourt,
Rita Albano - Dafb

Edição:

Yan Motta

Som:

Fábio Carneiro Leão
e Toninho Muricy

Produção:

Leticia Monte e
Lula Buarque de Hollanda

Livre



Os bailes de soul music, que deram origem ao movimento Black Rio, eram espaços de afirmação e resistência política do jovem negro do Rio de Janeiro carioca nos anos 70. A partir das trajetórias de Dom Filó e da equipe de som Soul Grand Prix o filme apresenta a importância da cena musical na luta por justiça racial durante a ditadura militar brasileira, sua influência no hip hop e no funk, e o impacto nas novas gerações do orgulho negro e da valorização estética difundidos há décadas.



Nada Sobre Meu Pai

BRASIL | 93' | RJ | 2023

Direção:
Susanna Lira

Fotografia:
Rafael Mazza

Edição:
Victor Abreu

Som:
Tito Gomes

Produção:
Gretha Viana

Livre



NADA SOBRE MEU PAI revela a busca da diretora Susanna Lira pela história de seu pai, que ela nunca conheceu. Filha de um jovem guerrilheiro equatoriano que veio para o Brasil lutar contra a ditadura militar na década de 70, ela vai até Quito, terra natal do pai e expõe sua história para dezenas de veículos da imprensa equatoriana. Em forma de road movie, ela se encontra com possíveis pais que respondem aos anúncios divulgados na imprensa.



Neirud

BRASIL | 73' | SP | 2023

Direção:
Fernanda Faya

Fotografia:
Julia Zakia

Edição:
Yuri Amaral

Som:
Guilherme Martins

Produção:
Rica Saito, Michael Wahrmann
e Fernanda Faya

12 anos



Neirud morreu sem deixar vestígios de seu passado. Confrontando segredos de família, a cineasta reconstrói a vida de sua enigmática tia, que foi lutadora circense em uma trupe feminina clandestina nos anos 60 e descobre uma história de amor que transformará o papel de Neirud em sua própria família.



Peixe Abissal

BRASIL | 110' | RJ | 2023

Direção:

Rafael Saar

Som:

Guilherme Farkas

Fotografia:

Matheus da Rocha Pereira

Produção:

Eduardo Cantarino e Rafael Saar

Edição:

Luciano Carneiro, Rafael Saar

18 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

Seres luminosos, divinos e mundanos, líricos e selvagens, masculinos e femininos. Homens, mães e santas emergem em um mergulho profundo no universo poético do escritor e compositor Luís Capucho.



Rua Aurora – Refúgio de todos os mundos

BRASIL | 94' | PE | 2023

Direção e produção:

Camilo Cavalcante

Som:

Moabe Filho

Fotografia:

Beto Martins

16 anos

Edição:

Fernando Coster



5º PIRENÓPOLIS DOC

Na cidade de São Paulo, acompanhamos pessoas de mundos diferentes que habitam uma mesma rua, no centro esquecido da metrópole, onde a vida pulsa de forma latente e se reconstrói a cada dia.

Migrantes de várias partes do mundo e de diferentes regiões do Brasil contam suas histórias, revelando um mosaico humano que reflete suas experiências, pontos de vista, lutas, angústias e superações. A vida no fio da navalha da selva de pedra, onde um sonho morre em uma esquina e renasce na outra, na projeção das reminiscências de uma rua que carrega a intensa complexidade da existência; mais do que um documentário sobre uma rua, esse filme fala de pessoas que, na maioria das vezes, são



Mostra Competitiva

GOIANA

Territorialidades, pertencimentos e as expressões cinematográficas que se constituem nos cerrados e cidades de Goiás

JÚNIA TORRES

Foi surpreendente a qualidade dos filmes inscritos no contexto da Mostra Goiana Competitiva do V Pirenópolis Doc! O conjunto de quase sessenta filmes demonstra e diz muito sobre a potência das novas realizações do cinema produzido contemporaneamente no estado, em obras marcadas por uma ampla diversidade de formas, propostas e temáticas abordadas, seja no campo da ficção, do documentário ou dos híbridos e experimentais, em formatos curtos ou longas-metragens. Para compor a programação especialmente dedicada pelo festival ao cinema que se realiza nos cerrados e cidades do Goiás, selecionamos três longas e sete curtas-metragens, organizados em quatro sessões comentadas.

Por meio dos títulos selecionados apresentamos um recorte conciso - dentre outros que poderiam ainda ser propostos, certamente - ancorado em inventividades formais relacionadas à diversidade de linguagens e formas, modelos de produção, com foco em questões emergentes e urgentes, tais como as expressões filmicas em torno a pertencimentos diversos, como afirmação de gênero e diversidade cultural, incluindo títulos co-realizados junto a sociedades tradicionais e coletivos e culturas urbanas. Procuramos destacar obras que abordam territorialidades, historicidades e humanidades específicas locais de modo criativo e com rigor cinematográfico. Entre a filmografia inscrita, novos protagonismos são marcantes, celebrando a par-



tipificação efetiva de personagens-autoras e autores, colaboradoras e colaboradores pertencentes a comunidades indígenas, quilombos; autorias LGBTQIA+, e um crescente número de cineastas mulheres! Muito bem vindes ao novíssimo cinema que se produz no Brasil.

Por meio dos filmes aqui programados, procuramos propor relações possíveis entre as obras e o mundo em seu entorno, entre o campo e o extra-campo que os filmes nos dão a ver ou perceber. Estamos face a realidades e fabulações específicas desse recorte de país proposto pela mostra, as realizações goianas. Enquanto agência, ação e sonho, os títulos respiram e inspiram regionalidade em sua melhor acepção. Por meio de seu visionamento podemos conhecer e aprender (tanto!) sobre os lugares geográficos, sociais e simbólicos de onde são originários. Mesmo não esquecendo importantes questões amplas e mundiais (como a Amazônia retratada no relevante Adrian Cowell, 50 anos no Brasil, dirigido por Vicente Rios) tratam-se de olhares próximos e de visitar preciosos acervos localmente preservados. Avante, bela constelação de cinema e cineastas de Goiás!

CURADORIA





JÚNIA TORRES

Documentarista, antropóloga e produtora cultural. Integra a Associação Filmes de Quintal, organizadora do forumdoc.bh – Festival do Filme Documentário e Etnográfico, como programadora e coordenadora de produção. Curadora de mostras de cinema, tendo sido júri e integrado comissões de diversos festivais. Codirigiu o filme "A Rainha Nzinga chegou" (2020), entre outros filmes.

JÚRI oficial





LIDIANA REIS

É roteirista e produtora. Graduada em Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás, tem especialização em Gestão Cultural e atualmente se especializa em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O documentário Paulistas (2017) e as ficções: Alaska (2019), Hotel Mundial (2019), Oeste Outra Vez (em finalização) e Vento Seco (2020), que teve sua estreia no 70º Festival de Berlim. Atualmente, desenvolve narrativas centradas na mulher, como no seu primeiro longa documental Piedade para esta terra que me sonega o amor e na ficção Solina, filme escrito e dirigido por Larissa Fernandes. É idealizadora do Prêmio CORA, que visa o desenvolvimento de projetos realizados por mulheres do Centro-oeste brasileiro



BIA DIAS

Psicanalista, escritora, ensaísta e crítica de arte, atua no território multidisciplinar da psicanálise, literatura, filosofia, teoria e prática artística. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2017). Especialista em História da Arte pela Faculdade Armando Álvares Penteado - FAAP (2011). Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES (2002). Fundou e coordenou o Núcleo de Investigação em Arte e Psicanálise do Instituto Figueiredo Ferraz - IFF (Ribeirão Preto/SP 2012-2015). Participou do grupo Redes de Pesquisas Escritas da Experiência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Co-coordenou o Projeto de Cinema e Psicanálise Cine-Cult USP Ribeirão Preto, em parceria com o Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade - CLIN-A.



GEORGIA CYNARA

Doutora e pós-doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás-UFG, especialista em Cinema e Educação pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás e mestre em Comunicação/Mídia e Cultura pela UFG. Jornalista, curadora cinematográfica, musicista e compositora de música para cinema, foi uma das coordenadoras (2020-2022) do Seminário Temático Estilo e Som no Audiovisual da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Integra a rede Sonora: músicas e feminismos (USP), o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da UFG e é professora efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

JÚRI jovem





CATARINA LIMA

Catarina Lima tem 21 anos de idade e é graduanda do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás e de Jornalismo na PUC Goiás.

Além de estudante destas duas áreas, Catarina também é estudante de Música e faz parte do Coro Sinfônico Jovem de Goiás da Escola Basileu França. Atualmente Catarina atua na área de Jornalismo Cultural como estagiária do Magazine, do Jornal O Popular.



HELENA CAETANA

Helena Caetana é travesti, bacharelanda em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Federal de Goiás, campus Goiás. É cantora e compositora e vêm recebendo gratificações e prêmios na área do cinema e da música desde 2020.



REIDER ARTONI

Reider Artoni é goiano, ator há 17 anos, estuda Cinema e Audiovisual na UEG e é apaixonado pelas câmeras e toda magia que há por detrás delas, desde criança. Dentre suas realizações como Diretor e Roteirista destacam-se o documentário etnográfico "Debaixo da Lona" e o videoclipe "O Que Te Faz Querer – Actemia".



Curtas- metragens

DOIS RAIOS

Roteiro e Direção Raio **Direção de Fotografia** Hudson Cândido, Lara Vitória e Leonardy Sales **Som Direto** Laércio Alves **Produção** Victória Nolasco

Dois Raios

BRASIL | 5' | GO | 2022

Direção e edição:

Luís Ricardo (Raio)

Fotografia:

Hudson Cândido,
Lara Vitória e
Leonardy Salles

Som:

Laércio Alves

Produção:

Victória Nolasco

Livre



O estudante de cinema e diretor deste documentário, Raio, sai pelas ruas de Goiânia, tentando encontrar o dono da tag "raio", pixado por várias partes da cidade.

um filme de MATEUS ROSA



A JORNADA

A Jornada

BRASIL | 16' | GO | 2022

**Direção, fotografia, edição,
som e produção:**
Matheus Rosa

14 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

O tempo da natureza em tempo da humanidade. Trajetórias que vão de encontro com o novo. Diferenças e similaridades. Uma viagem documental, sensorial, artística e performática LGBTQIAP+ filmada em Super-8mm.



Bikes Madrugá

Madrugá Bikes

BRASIL | 24' | GO | 2023

Direção e Fotografia:

Larry Machado

Produção:

Fábio Chock e Tothi dos Santos

Edição:

Larry Machado e
Getúlio Ribeiro

Livre

Som:

Getúlio Ribeiro



5º PIRENÓPOLIS DOC

Cláudiomar Felipe é inventor de bicicletas e atualmente está renovando e reformando o seu mais antigo projeto.



Marta Kalunga

BRASIL | 30' | GO | 2022

Direção:

Lucinete Moraes, Marta Kalunga
e Thaynara Rezende

Fotografia, som e edição:

Thaynara Rezende, DAFB

Produção:

Lucinete Moraes e Marta Kalunga

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Conduzidos pelo corpo/território de Marta, vamos de encontro com sua história, sua busca pela valorização da memória e preservação da cultura Kalunga, entremeadas por seu tear e dança da Sussa.



Pirenopolynda

BRASIL | 23' | GO | 2023

Direção e Roteiro:

Bruno victor, Izzi Vitório
e Tita Maravilha

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

A festa do Divino Espírito Santo acontece há mais de 200 anos em Pirenópolis, Goiás. Nesse ano, Tita Maravilha, artista pirenopolinda, vive a festa inteiramente pela primeira vez.



Ritual sagrado Kuarup: entre o luto e o recomeço

BRASIL | 27' | GO | 2022

Direção:

Rosa Berardo

Fotografia:

Tarumã Kamaiurá e Rosa Berardo

Edição:

Kaio Kamaiurá, Vernon Kamaiurá, Julia Berardo

Livre



5º PIRENÓPOLIS DOC

Este documentário, feito com a participação de jovens Kamaiurá, documenta o Ritual Sagrado KUARUP feito em homenagem aos mortos pela Covid19 em 2021, na aldeia Kamaiurá.

Tempo de silêncio

BRASIL | 21' | GO | 2022

Direção:

Luiz Gonçalves

Produção:

Música Íntima e T3MPO filmes

Livre



Estercio Marquez Cunha é um dos compositores mais prolíficos do cerrado. Nascido em Goiatuba em 1941, foi o primeiro - e por muitos anos também o único - compositor goiano a aderir ao Modernismo na música. Neste curta-ensaio, onde sua música e suas ideias são retratadas, Estercio nos faz um apelo: que sejamos de fato donos de nossa percepção, pois nossa liberdade enquanto indivíduos jamais dispensa o ato de perceber, cada um à própria maneira, o mundo.



Longas– Metragens



Adrian Cowell 50 anos no Brasil

BRASIL | 104' | GO | 2023

Direção:

Vicente Rios

Edição:

Frederico Mael e Letícia Gouveia

Som:

Gareth Haywood, Bruce White, Mike Billing, Robert Saunders, Vanderlei de Castro, Nélio Rios e Rafael de Carvalho

14 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

O longa metragem sintetiza alguns dos principais acontecimentos nacionais e internacionais, por meio de seus protagonistas e antagonistas, sob o olhar de Adrian Cowell e suas equipes de documentaristas que registraram por 50 e as transformações ocorridas na Amazônia brasileira, com seus aspectos sociais, ambientais, políticos, culturais.



Cambaúba

BRASIL | 67' | GO | 2023

Direção:

Cris Ventura

Produção:

Laura Freitas

Fotografia:

Elder Patrick e
Yolanda Margarida

12 anos

Som:

Gabriel Tavares e
Gustavo Soyer



5º PIRENÓPOLIS DOC

Ao se mudar para a rua da Cambaúba, a documentarista Cris Ventura se depara com a experiência de que habitar é constituir uma trama complexa de temporalidades e passa a perceber a confluência das cosmologias, lendas e narrativas de ocupação do território dos antigos goyazes. A rua é assombrada pelo fantasma do Anhanguera e pela índigena Cari, que fora aprisionada no Rio Vermelho por uma maldição, e para se libertar precisará da flecha que atravessa os tempos.



Capim-navalha

BRASIL | 90' | GO | 2023

Direção e edição:

Michel Queiroz

Fotografia:

Mateus Rosa

Produção:

Sofia Benjamin

14 anos



5º PIRENÓPOLIS DOC

Capim-Navalha é um documentário de longa-metragem sobre pessoas trans que moram na Chapada dos Veadeiros. Diferentes entre si, complexas por suas trajetórias retratadas em seus territórios corporal-geográfico-decolonial-interseccional e suas vivências lgbtqiapn+ no Cerrado Goiano. O filme apresenta narrativas de gênero dissidentes, elaborando fricção e alteridade sobre esses elas/eles/elus, trazendo uma reflexão sobre sociedade no cis-tema dentro do Centro-Oeste.



Atividades Formativas



P R O G R A M A
PRIMEIROCORTE

O Programa Primeiro Corte - PPC surge na primeira edição do Pirenópolis Doc, com o objetivo de servir como uma consultoria de montagem para filmes documentários brasileiros de longa-metragem, que estejam em fase de edição e/ou finalização e que já tenham um primeiro corte. No programa, os participantes têm a oportunidade de projetar trechos ou a íntegra de seus trabalhos e discutir caminhos criativos para montagem da obra com tutores e demais participantes do programa.

MINISTRANTE





CÉLIA FREITAS

Nesta edição, o PPC é guiado por **Célia Freitas**, co-diretora, roteirista e editora do documentário *“A Última Gravação”* (2020), exibido no Festival do Rio 2019 e na mostra competitiva do *Infinitto Film Festival 2020 – NY/Miami*; co-diretora e editora da série documental *“Guardiãs da Floresta”* (2017); co-dirigiu e montou o curta experimental *“Penélope”* (2006), exibido em inúmeros festivais internacionais. Como videoartista autoral, Célia participou de exposições no Brasil e no exterior (Paço Imperial, Bienal do Mercosul, Inst. Tomie Ohtake, Europalia Belgica, Arco Madrid). Foi finalista do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, em 2020, pela montagem do documentário *Torre das Donzelas* e em 2009, pela montagem do documentário *Condor*. Como editora e coordenadora de edição, desenvolveu a linguagem editorial da série *“O Infiltrado”* (2014), indicada ao Emmy International Awards 2014.

Filmes selecionados

VONTADE DE UMA COISA COM VOCÊ

JULIA ZAKIA E LUCIANA FRÓES, SÃO PAULO

A atriz Luciana Fróes convida seu pai, o conhecido ator brasileiro Rogério Fróes, de 86 anos, para fazer algo que nunca fizeram juntos: uma peça de teatro. Em busca de que texto montar, ambos ensaiam a leitura e a encenação de diversos textos, expondo suas dúvidas e fazendo percursos em que alternam entre personagens e vida real. A proximidade da morte, a força que o teatro inspira, o desejo de estar perto e o questionamento sobre o que os move expõe fragilidades da vida. O filme é o resultado de uma vivência documental e ficcional que projeta a própria vida como potência trágico-cênica.

ROSSANIA, TODA UMA VIDA

DANIEL A. RUBIO, SÃO PAULO

Rosânia – Toda a minha vida - é a história de uma mulher, mãe de um menino de 10 anos, que vê sua vida mudar ao tentar conseguir pagar um lugar para morar com o filho. Em 2002, ela se juntou pela primeira vez a um movimento de luta por moradia. Como a maioria das pessoas que pertencem à organização são mães solteiras, este evento mudou profundamente a sua vida.



XERIFES DO MAR (PROVISÓRIO)

CLAUDIA DAIBERT, PRODUÇÃO DE BRASÍLIA, FILMADO NO RN E BA

Onde o mar é quem manda, Zelinha e Berna desafiam-se a sobreviver diariamente com seus medos, alegrias, esperanças, nestes ambientes inóspitos. Atol das Rocas e Abrolhos são suas casas, seus trabalhos e seus espaços cotidianos. Berçários da vida marinha, presenteiam ambas com a dinâmica diária das marés e dos animais, das fases da lua, da vida e da morte, da presa e do predador.

A TERCEIRA MARGEM

BRUNO CALDAS, BRASÍLIA, DF

Este documentário está em produção desde 2021, quando o cineasta Bruno Caldas, que reside próximo ao acampamento L3 Norte, foi acolhido pelas famílias para registrar suas vidas diárias na área que ocupam, o canteiro central de uma movimentada avenida que dá acesso à Universidade de Brasília (UnB). O acampamento abriga famílias com crianças e idosos que receberam doações e trabalharam na coleta de recicláveis durante a pandemia de Covid-19. É um retrato da precariedade da inclusão da população negra no Brasil, herdeiros na miséria geracional que remete e reproduz, noutros formatos, à escravidão.

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

VICTORIA NOLASCO, GOIÂNIA, GOIÁS

Maeva se isola no apartamento por ter sofrido violência doméstica do namorado. Enquanto tenta superar o que aconteceu, Viviane, amiga de Maeva, a incentiva a contar sobre o ocorrido fazendo um pequeno vídeo. Quando Maeva decide fazer seu filme, começa a ser atormentada por uma criatura.

Desbravando telas:

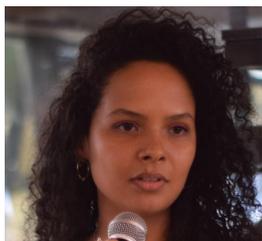
OFICINA PARA NOVOS TALENTOS CINEMATOGRAFICOS

Desbravando telas é uma oficina que promove a experiência da arte no contexto do cinema educativo. Através da introdução da linguagem cinematográfica, a proposta é um despertar ao mundo do cinema, impulsionando o olhar crítico das pessoas para leitura do audiovisual (Cinema, televisão e internet) como também incentivar o surgimento de novos realizadores. A ideia é dar vez e voz a pessoas que podem usar a sétima arte para representar suas realidades, desejos e sonhos dentro ou fora da sala de aula.

Esta oficina é feita em parceria com Secretaria Municipal de Educação de Pirenópolis e voltada para os professores da rede municipal de ensino.

MINISTRANTE





CAMILA NUNES

Camila Nunes, produtora baiana, é formada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás. É diretora do Festival Internacional de Animação Lanterna Mágica e atua principalmente nos mercados goiano e baiano. Multipotencial, além das produções audiovisuais, ministra oficinas de Stop Motion e de Introdução à Linguagem Cinematográfica nas principais cidades desde 2013: Salvador, Brasília e Goiânia.

O Cinema Brasileiro de Amanhã

Um bate-papo com o Diretor de Formação e Inovação MINC Rodrigo Antônio da Silva sobre uma visão possível para o futuro do cinema brasileiro em um mundo polarizado e de revoluções tecnológicas diárias.
04/02 às 11h30, no Cine Pireneus

MINISTRANTE





RODRIGO ANTONIO

Rodrigo Antonio é paraense, formado em História (UFPA) e produção audiovisual (EIC-TV), Mestre em Artes (UFPA). Produziu longas e curtas-metragens de ficção e documentário com carreira e reconhecimento internacional, web-séries, documentários educacionais e uma série para televisão. Atuou como curador e avaliador de laboratórios, editais setoriais e espaços de mercado e festivais. Desenvolve estudos e consultorias de produção de impacto social. Foi idealizador e coordenador do Matapi - Mercado Audiovisual do Norte (2018-2021), Coordenador do Climate Story Lab Amazônia (2021), Diretor Geral do Festival Internacional do Audiovisual Negro do Brasil - FIANB (2020 - 2022), Presidente executivo da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro - APAN (2021-2023). É representante do Brasil no Comitê da Rede Global de Produtores de Impacto - GIPA e atualmente desempenha a função de diretor de formação e inovação audiovisual da Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura do Brasil.



Programação

FILMES:

*Todas as sessões são seguidas de debates com os diretores

30/01 terça-feira

19h

ABERTURA

Cine Pireneus

Othelo, O Grande

Dir. Lucas H. Rossi dos Santos

BRASIL | 83' | RJ | 2023 | LIVRE



31/01 quarta-feira

10h **PROGRAMA PRIMEIRO CORTE
(PARA PROJETOS PRÉ-SELECIONADO)**

Centro Municipal de Artes e Música Ita e Alaor

11h **DEBATE: OTHELO, O GRANDE**

Com o diretor e o produtor do filme

14h **MOSTRA COMPETITIVA GOIANA**

Cine Pireneus

Ritual sagrado Kuarup: entre o luto e o recomeço

Dir. Rosa Berardo

BRASIL | 27' | 2022 | LIVRE

Cambaúba

Dir. Cris Ventura

BRASIL | 67' | 2023 | 12 ANOS

17h **MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL**

Cine Pireneus

Morro do cemitério

Dir. Rodrigo R. Meireles

BRASIL | 19' | MG | 2023 | 10 ANOS

Rua Aurora – Refúgio de todos os mundos

Dir. Camilo Cavalcante

BRASIL | 94' | PE | 2023 | 16 ANOS

20h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pirineus

Olho da rua

Dir. Jonathas de Andrade

BRASIL | 25' | PE | 2023 | LIVRE

Peixe abissal

Dir. Rafael Saar

BRASIL | 110' | RJ | 2023 | 18 ANOS

01/02 quinta-feira

10h

**PROGRAMA PRIMEIRO CORTE
(PARA PROJETOS PRÉ-SELECIONADO)**

Centro Municipal de Artes e Música Ita e Alaor

14h

MOSTRA COMPETITIVA GOIANA

Cine Pireneus

Pirenopolynda

Dir. Bruno Victor, Izzi Vitório e Tita Maravilha

BRASIL | 23' | 2023 | LIVRE

Capim-navalha

Dir. Michel Queiroz

BRASIL | 90' | 2023 | 14 ANOS



17h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pireneus

Cinema para os mortos

Dir. Bruno Moreno e Renato Sircilli

BRASIL | 14' | PI | 2023 | LIVRE

Ferro's Bar

Dir. Coletivo Cine Sapatão

BRASIL | 24' | SP | 2023 | 16 ANOS

A portas fechadas

Dir. João Pedro Bim

BRASIL | 66' | SP | 2023 | 14 ANOS

20h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pireneus

A alma das coisas

Dir. Douglas Soares e Felipe Herzog

BRASIL | 20' | RJ | 2023 | LIVRE

Black Rio! Black Power!

Dir. Emílio Domingos

BRASIL | 75' | RJ | 2023 | LIVRE

02/02 sexta-feira

10h

**PROGRAMA PRIMEIRO CORTE
(PARA PROJETOS PRÉ-SELECIONADO)**

Centro Municipal de Artes e Música Ita e Alaor

14h

MOSTRA COMPETITIVA GOIANA

Cine Pirineus

Adrian Cowell 50 anos no Brasil

Dir. Vicente Rios

BRASIL | 104' | 2023 | 14 ANOS

17h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pirineus

Travessias

Dir. Ana Graziela Aguiar

BRASIL | 22' | DF | 2023 | LIVRE

Amanhã

Dir. Marcos Pimentel

BRASIL | 106' | MG | 2023 | 12 ANOS

20h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pirineus

Urubá

Dir. Rodrigo Sena

BRASIL | 15' | RN | 2022 | 10 ANOS

Fala da terra

Dir. Bárbara Wagner e Benjamin de Burca

BRASIL | 19' | PA | 2022 | LIVRE

A câmara

Dir. Cristiane Bernardes e Tiago de Aragão

BRASIL | 88' | DF | 2023 | LIVRE



03/02 **sábado**

11h

MOSTRA KATAHIRINE

Centro Municipal de Artes e Música Ita e Alaor

LIVRE

AGUYJEVETE AVAXI'Í

Dir. Kerexu Martim

ETNIA GUARANI MBYA | 21' | 2023

RAMI RAMI KIRANI

Dir. Lira Mawapai HuniKui e Luciana Tira HuniKui

ETNIA HUNI KUIN | 30' | 2024

SIGYJAT- Pescaria do Timbó

Dir. Aruti Kaiabi, Ewa Kaiabi, Juirua

Kaiabi, Mairiwata Kaiabi, Reai'i Kaiabi,

Reiria Kaiabi, Rywa Kaiabi, Ukaraiup Kaiabi, Urukari Kaiabi, Wiryry

Kaiabi

ETNIA KAIABI | 52' | 2023

14h

MOSTRA COMPETITIVA GOIANA

Cine Pirineus

Dois Raios

Dir. Luís Ricardo Gondim Silva (Raio)

BRASIL | 5' | 2022 | LIVRE

Madruga Bikes

Dir. Larry Machado

BRASIL | 24' | 2023 | LIVRE

Tempo de silêncio

Dir. Luiz Gonçalves

BRASIL | 21' | 2022 | LIVRE

A Jornada

Dir. Mateus Rosa

BRASIL | 16' | 2022 | 14 ANOS

Marta Kalunga

Dir. Lucinete Moraes, Marta Kalunga e Thaynara Rezende

BRASIL | 30' | 2022 | LIVRE

17h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pirineus

Onde a floresta acaba

Dir. Otavio Cury

BRASIL | 15' | SP | 2023 | LIVRE

Aqui onde tudo acaba

Dir. Cláudia Cárdenas e Juce Filho

BRASIL | 19' | SC | 2023 | LIVRE

Neirud

Dir. Fernanda Faya

BRASIL | 73' | SP | 2023 | 12 ANOS

20h

MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

Cine Pirineus

Eu fui assistente do Eduardo Coutinho

Dir. Allan Ribeiro

BRASIL | 17' | RJ | 2023 | LIVRE

Cama vazia

Dir. Fábio Rogério e Jean-Claude Bernardet

BRASIL | 6' | SP | 2023 | 14 ANOS

Nada sobre meu pai

Dir. Susanna Lira

BRASIL | 93' | RJ | 2023 | LIVRE



04/02 domingo

11h

SESSÃO ESPECIAL ACESSÍVEL

Cine Pirineus

LIVRE

Filhas de Lavadeira

Dir. Edileuza Penha

BRASIL | 22' | DF | 2019

14h

MOSTRA KATAHIRINE

Cine Pirineus

LIVRE

*Conversa com as curadoras e idealizadoras da Rede
Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas

Fala sincera

Dir. Yacewara Pataxó

ETNIA PATAXÓ | 10' | 2023

Ciência de cabocla

Dir. Adecianny Castro e Pedro Lessa

ETNIA KARIRI | 32' | 2024

Quando o manto fala e o que o manto diz

Dir. Glicéria Tupinambá e Alexandre Mortagua

ETNIA TUPINAMBÁ | 62' | 2023



Artista Homenageado





ROBERTÃO







The image features a hand holding a pen, positioned as if about to write. The background is a gradient of light pink and white, with dark red sections at the top and bottom. The word 'Entrevistas' is written in a bold, white, serif font in the center.

Entrevistas

Robertão: uma odisseia entre o belo e o estranho em Pirenópolis

ENTREVISTA COM ROBERTÃO
POR THEO MARIANO



O oitavo filho de uma prole de dez, com três datas de nascimento, 59 anos, quase dois metros de altura e um olhar singular para a arte. Este é Roberto Gonzaga de Oliveira, ou apenas Robertão, nascido em Pirenópolis e, nesta 5ª edição do Festival PirenópolisDoc, o responsável pela idealização e produção dos troféus das mostras competitivas. “Eu olhei para aquilo que era considerado feio e enxerguei algo bonito”, conta o artista plástico. “Cada um dos troféus será feito com um design específico, com madeira que seria descartada.”

As obras de Robertão, com as quais o artista plástico desvendou traços do belo naquilo que é enxergado como estranho, a partir da sua arte brincante, representam marcas da tradição histórica e cultural de Pirenópolis. “Tudo começou quando eu era criança, na época das Cavalhadas. Eu via aquelas pessoas mascaradas, desde menino, e achava tudo muito engraçado”, relembra o artista.

Segundo Robertão, o pai levava os filhos para acompanhar as Cavalhadas, uma vez ao ano, quando deixavam a fazenda em direção ao evento. “Eu lembro que vi passar, numa ocasião, uma pessoa trajada com uma máscara totalmente diferente – não era como essas tradicionais, com o chifre. Foi quando eu decidi que, no ano seguinte, em 1983, eu faria a minha.”

'TURMA DOS CABEÇUDOS'

As Cavalhadas de Pirenópolis, considerada uma das festas mais expressivas do Brasil, são celebrações que integram a Festa do Divino Espírito Santo. Inspiradas por tradições portuguesas e espanholas, da época da Idade Média, esse evento ocorre há mais de 200 anos, em Goiás, como demonstração de religiosidade e cultura, além de incentivar o turismo e a economia do município.

Assim, junto à notória expressividade que o evento carrega, Robertão foi, a cada edição das cavalhadas, ganhando mais e mais espaço pelas máscaras de aparência peculiar. “Eu saía para a rua, e as pessoas ficavam olhando interessadas. O movimento foi ganhando força e, disso, surgiu a ‘turma dos cabeçudos’. Nessa época, eu saía com outras pessoas fantasiadas pela cidade, durante as Cavalhadas”, diz.

Segundo Robertão, esse movimento chegou a reunir quase 50 pessoas. “Éramos uns 50 mascarados saindo pela cidade, todos saíam da minha casa, com máscaras feitas por mim. Fazíamos graças e algumas apresentações no próprio estádio, onde acontecem as Cavalhadas”.

'FOI COMO SAIR DO ARMÁRIO'

Além de encontrar uma maneira para se expressar, Robertão, de quebra, achou uma forma de se sentir mais incluído à população local. “Eu sempre fui muito alto e sentia uma certa estranheza em relação a isso, tinha complexo, até pela pobreza, também. Depois que comecei a fazer as máscaras e, aos poucos, ganhei apreço da população, eu fui me sentindo menos inseguro comigo. A arte também serviu como uma forma para eu ter mais confiança”, afirma o artista plástico.

“De repente, eu, uma pessoa mais insegura com meu jeito de ser, estava confiante. Fazia sucesso, vestido de cabeçudo, e, para mim, aquilo foi como sair do armário. Eu finalmente passei a lidar melhor com todas essas questões”, diz. A partir dali, ao invés de se envergonhar de seu tamanho, Robertão passou a se sentir bem e tornou-se parte dessa construção cultural pirenopolina.

Para o artista, não era nenhuma novidade estar envolto pela “estranheza”. A própria data de aniversário, que na verdade são três, carrega uma série de peculiaridades. “Quando eu tinha oito anos, perguntei à minha irmã sobre a minha data de nascimento. Eu juro que ela falou ser 21 de junho de 1964. Eu entendi isso e pronto. Só que ela nega e afirma ter dito 24 de julho. Mas, diferente de tudo isso, meu pai me registrou no dia 27 de julho. Com isso, fiquei com três datas de aniversário, mas celebro apenas no dia 21 de junho. Não consigo comemorar em outra data.”

GENÉTICA DE ARTESÃO

As criações artísticas de Robertão não são por acaso. O pai José Luís de Oliveira e o avô Dorvelino José de Oliveira também eram artesãos. Seu pai, relembra o artista pirenopolino, trabalhava com plantações ao longo do dia e, à noite, fazia obras de arte com bambu. “Meu avô tinha talento para fazer artesanato com madeira”, acrescenta.

A sobrevivência da família mineira, à época recém-vinda a Pirenópolis, na década de 1950, demandava muito esforço de José Luís de Oliveira, pai de Robertão. “Era tudo muito diferente. Meu pai precisava trabalhar muito, mesmo, para termos nosso sustento. Hoje, com o crescimento do turismo, temos novas possibilidades.

Para Robertão, o turismo é a grande alternativa para conseguir seu sustento, além da produção artística. “Eventos como o próprio PirenópolisDoc, que atrai visitantes de todo o País e coloca a nossa cidade nesse roteiro cultural, são extremamente importantes para movimentar a economia da cidade. Se não fosse o turismo, eu não sei o que seria da minha vida.”

Uma constelação de mulheres indígenas no audiovisual

ENTREVISTA COM BÁRBARA MATIAS
(KATAHIRINE - REDE AUDIOVISUAL
DAS MULHERES INDÍGENAS)
POR THEO MARIANO



Não há mais como entrar no tema audiovisual e não pensar na população indígena. Assim avalia a escritora, realizadora audiovisual, artista da cena e indígena do povo Kariri, Barbara Matias, de 30 anos, nascida na aldeia Marrecas, localizada no Ceará. Integrante da rede Katahirine, a artista é curadora da Mostra Katahirine, uma sessão especial da 5ª edição do Festival Pirenópolis Doc.

Junto à cineasta, artista visual e educadora popular Sophia Pinheiro, 34 anos, Barbara trouxe uma seleção de seis filmes para apresentação na Mostra Katahirine. “Buscamos expressar a diversidade de povos e a maneira diferente que essa diversidade exprime ao tratar dos mesmos assuntos, com filmes de seis etnias: Guarani Mbyá, Huni Kuin, Kaiabi, Pataxó, Tupinambá e Kariri, todos os filmes pensados, sentidos e realizados por mulheres indígenas”, conta a curadora.

Para Barbara Matias, indígena do povo Kariri, não há como se aprofundar na linguagem do audiovisual e do cinema sem levar em conta as produções audiovisuais de povos indígenas, quilombolas, ciganos e membros da comunidade lgbtqiapn+. “A maioria das aldeias, quando tem acesso a uma câmera, esse equipamento é muitas vezes utilizado para confissão e se torna até mesmo um documento”, diz. “Com a chegada dessas câmeras, passamos a fazer denúncias de violências contra nossos territórios

e nossos corpos. A câmera se torna essa flecha para partilharmos com o mundo a nossa realidade.”

A curadora reflete que a parceria com o Festival PirenópolisDoc atinge as aldeias de maneira intensa, em várias comunidades. “Atinge nossas aldeias porque nossos filmes, na maioria das vezes, são feitos em comunidades. São filmes de agricultoras, de artesãos, pessoas que também são cineastas. Essas obras conversam até mesmo com as pessoas que vão assistir às mostras do PiriDoc”, pondera Barbara Matias.

Ainda segundo a curadora, deve-se destacar o material audiovisual produzido por essas comunidades. “Eu ousou a dizer que nós, povos indígenas, somos a comunidade que mais tem material de repertório para falar de documentário. Inclusive para refletir a ideia do que é documentário. Para muitas pessoas, a maneira como vivemos é ficção – mas essa é a nossa realidade”, pontua. “Nossas crenças, costumes, tudo o que nos envolve passou por um distanciamento do povo brasileiro. Para quem vê de fora (os povos indígenas), parece que somos alienígenas.”

UMA REDE QUE PREZA PELAS MEMÓRIAS

A Katahirine é uma rede que preza pelas memórias. Essa é a descrição feita por Barbara Matias, ao citar o projeto com mulheres indígenas. “A



Katahirine é uma roça, que muita gente chamaria de plataforma, de indígenas mulheres realizadoras de audiovisual. É importante pensar a rede em duas perspectivas: uma rede que acolhe nossos corpos, mas também uma rede de pesca, que vai à luta.”

A rede audiovisual intitulada Katahirine, palavra da etnia Manchineri que significa “constelação”, traz consigo uma essência de busca por pluralidade, conexão e união de diversas mulheres. “Trata-se de uma articulação coletiva, onde podemos discutir e construir um espaço seguro de narrativas, levando em conta não só o corpo coletivo da rede, mas a subjetividade de cada participante, como uma pessoa pensante e atuante em todos os espaços”, acrescenta Bárbara.

Para 2024 e o futuro próximo, a rede busca se fortalecer cada vez mais. “Somos mulheres criadoras, que produzem filmes com terra na mão, cheiro das sementes, das ervas, e buscamos atingir mais e mais pessoas – encontrar mais e mais pessoas que também produzam audiovisual. Esperamos que mais iniciativas, como fez o Festival PirenópolisDoc, abram espaço para nossa presença. Por isso, agradeço mais uma vez ao festival – ficamos muito felizes com o convite. Vida longa à rede Katahirine e ao PiriDoc.”

AGRADECIMENTOS



YARA NUNES - SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA DE GOIÁS

NIVALDO ANTÔNIO DE MELO - PREFEITO DE PIRENÓPOLIS

MÁRCIA ÁUREA OLIVEIRA - SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PIRENÓPOLIS

RONALDO FELIX DE FONTES - SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA DE PIRENÓPOLIS

VIRMONDES CRUVINEL - DEPUTADO ESTADUAL DE GOIÁS

WESLEY OLIVEIRA DA LUZ

MARLON TEIXEIRA

SOFIA ROCHA LIMA

RODRIGO VEIGA JARDIM

MARCELO SOLÁ

EDER BONFIM

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E HISTÓRICO NACIONAL

UEG - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

IFG - INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

FERNANDA NARCISO SOARES

EQUIPE



Direção Artística: Fabiana Assis

Produção: Camila Nunes, Fernanda Assis, Priscila Loyola e Hugo Hardman

Tráfego de filmes: Luís Fernando Sousa

Comunicação e Assessoria de imprensa: Vitor Cadillac e Théo Mariano

Design: Gabriel Godinho e Vitória Melo

Site: Wylker Moreno

Vinheta: Rafael de Almeida

Fotos: Marcello Dantas

Fotos e Making of: Mayara Varalho

Monitores: Anna Carolline, Ali Kostik, Mariana Melo, Victor Gabriel

Curadoria Mostra Competitiva Nacional: Benedito Ferreira, Rafael de Almeida e Uliana Duarte

Curadoria Mostra Competitiva Goiana: Júnia Torres

Curadoria Mostra Katahirine: Bárbara Matias e Sophia Pinheiro

Júri Oficial: Bia Dias, Geórgia Cynara e Lidiana Reis

Júri Jovem: Catarina Lima, Helena Caetana, Reider Augusto

Mentoria Atividades Formativas: Célia Freitas e Camila Nunes

Projeção: On Projeções e Studio K

Acessibilidade: Aline Lino de Araujo e Marcus de Souza Freitas

Mediação de debates: Benedito Ferreira, Fabiana Assis, Júnia Torres, Rafael de Almeida e Uliana Duarte

Revisão de catálogo: Benedito Ferreira

Atividades Formativas: Camila Nunes, Célia Freitas, Pedro Novaes e Rodrigo Antônio da Silva

DJs: Adrián Dias, Benedito Ferreira, Emilliano Freitas e Pri Loyola

PARCEIROS



Patrocínio



Apoio



CIDADE DE
PIRENÓPOLIS
NOSSO BEM MAIOR



HERBÁRIO
FORNERIA

Realização



SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura



